# NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO

**BERNARD-MARIE KOLTÈS**

*Um deal é uma transação comercial baseada em valores proibidos ou estritamente controlados, e que se conclui, em espaços neutros, indefinidos, e não previstos para este uso, entre fornecedores e pedintes, por acordo tácito, sinais convencionais ou conversação de duplos sentido – com o objetivo de contornar os riscos de traição e de trapaça que uma tal operação implica -, a qualquer hora do dia e da noite, independentemente das horas regulamentares de abertura dos lugares de comércio homologados, mas de preferência às horas em que estes estão fechados.*

**O DEALER**

- Se você anda na rua, a esta hora e neste lugar, é que você deseja alguma coisa que você não tem, e esta coisa, eu posso fornecê-la a você; pois se eu estou neste lugar desde muito mais tempo do que você, e por muito mais tempo do que você, e que mesmo esta hora que é aquela das relações selvagens entre os homens e os animais não me tira daqui, é que eu tenho o que é preciso para satisfazer o desejo que passa na minha frente, e é como um peso do qual eu preciso me livrar em cima de qualquer um, homem ou animal, que passe na minha frente. É por isso que eu me aproximo de você, apesar da hora que é aquela onde normalmente o homem e o animal se jogam selvagemente um sobre o outro, eu me aproximo, eu, de você, as mãos abertas e as palmas viradas na sua direção, com a humildade daquele que possui frente àquele que deseja; e eu vejo o seu desejo como quem vê uma luz que se acende, em uma janela no alto de um prédio, na hora do crepúsculo; eu me aproximo de você como o crepúsculo se aproxima dessa primeira luz, calmamente, respeitosamente, quase afetuosamente, deixando lá embaixo na rua o animal e o homem puxarem suas coleiras e mostrarem selvagemente os dentes um ao outro. Não que eu tenha adivinhado o que você possa desejar, nem que eu esteja apressado em conhecer; pois o desejo de um comprador é a coisa mais melancólica que existe, que se contempla como um pequeno segredo que pede apenas para ser revelado e que se toma um tempo antes de revelá-lo; como um presente que se recebe embrulhado e que se toma um tempo desfazendo o laço. Mas é que eu mesmo desejei, desde o tempo em que estou neste lugar, tudo o que todo homem ou animal pode desejar a esta hora escura, e que o faz sair de casa apesar dos grunhidos selvagens dos animais insatisfeitos e dos homens insatisfeitos; é por isso que eu sei, melhor que o comprador inquieto que guarda ainda por um tempo o seu mistério como uma pequena virgem educada para ser uma puta, que o que você vai me pedir eu já tenho, e que basta a você, sem que se sinta ferido pela aparente injustiça que há em ser o pedinte frente àquele que oferece, me fazer o pedido. Já que não há uma verdadeira injustiça sobre esta terra a não ser a própria injustiça da terra , que é estéril pelo frio ou estéril pelo quente e raramente fértil pela doce mistura do quente e do frio; não há injustiça para que anda sobre a mesma porção de terra submetida ao mesmo frio ou ao mesmo quente ou à mesma doce mistura, e todo homem ou animal que pode olhar um outro homem ou animal nos olhos e o seu igual pois eles andam sobre a mesma

linha fina e plana da liberdade de ação[1], escravos dos mesmos frios e dos mesmos calores, ricos do mesmo jeito e, do mesmo jeito, pobres; e a única fronteira que existe é aquela entre o comprador e o vendedor, mas incerta, ambos possuindo o desejo e o objeto do desejo, ao mesmo tempo vazio e saliente, com menos injustiça ainda do que há em ser macho ou fêmea entre os homens ou os animais. É por isso que eu pego emprestado provisoriamente a humildade e te empresto a arrogância, a fim de que nos distingam um do outro a esta hora que é inevitavelmente a mesma para você e para mim. Me diga então, virgem melancólica, neste momento onde grunhem surdamente homens e animais, me diga a coisa que você deseja e que eu poso te fornecer, e eu a fornecerei calmamente a você, quase respeitosamente, talvez com afeição; em seguida, depois de ter preenchido os vazios e planado os montes que estão em nós, nós nos distanciaremos um do outro, em equilíbrio sobre o fino e plano fio da nossa liberdade de ação, satisfeitos no meio dos homens e dos animais insatisfeitos por serem homens e insatisfeitos por serem animais; mas não me peça para adivinhar o seu desejo; eu serei obrigado a enumerar tudo o que eu possuo para satisfazer aqueles que passam na minha frente desde o tempo em que estou aqui, e o tempo que seria necessário a esta enumeração secaria o meu coração e cansaria sem dúvida a sua esperança.

**O CLIENTE**

- Eu não estou andando em um certo lugar e uma certa hora; eu estou andando, só isso, indo de um ponto a outro, para negócios privados que se tratam nesses pontos e não em percurso; eu não conheço nenhum crepúsculo nem nenhum tipo de desejo e eu quero ignorar os acidentes do meu percurso. Eu ia desta janela iluminada, atrás de mim, lá no alto, a essa outra janela iluminada, lá em frente, segundo uma linha bem reta que passa através de você porque você está aí deliberadamente posicionado. Acontece que não existe nenhum meio que permita, a quem vai de uma altura a uma outra altura, evitar descer para ter de subir em seguida, com o absurdo de dois movimentos que se anulam e o risco, entre os dois, de esmagar a cada passo o lixo jogado pelas janelas; quanto mais no alto se mora, mais o espaço é são, mas a queda é mais dura; e quando o elevador te deixou embaixo, ele te condena a andar no meio de tudo isso que não quisemos lá em cima, no meio de uma pilha de lembranças podres, como, no restaurante, quando um garçom te prepara a conta e enumera, ao seu ouvido atento, todos os pratos que você já está digerindo há muito tempo. Seria preciso aliás que a escuridão fosse ainda mais densa, e que eu não pudesse perceber nada do seu rosto; então eu teria, talvez, podido me enganar sobre a legitimidade da sua presença e do desvio que você fazia para se colocar no meu caminho e, por minha vez, fazer um desvio que se adaptasse ao seu; mas qual escuridão seria suficientemente densa para fazer com que você parecesse menos escuro do que ela? Não há noite sem lua que não pareça ser meio-dia se você caminha nela, e esse meio-dia me mostra suficientemente que não foi o acaso dos elevadores que te colocou aqui, mas uma imprescritível lei da força da gravidade que é própria a você, que você carrega, visível, sobre os ombros como uma mochila, e que te prende a esta hora, neste lugar de onde você avalia suspirando a altura dos

[1] Jogo de palavra sem correspondência em português,. O autor emprega aqui a palavra latitude; em francês, a distância de um ponto em relação ao equador ou, em sentido figurado, a liberdade de ação, como no texto. **(**N.T.**)**.

prédios. Quanto ao que eu desejo, se ele fosse algum desejo do qual eu pudesse me lembrar aqui, na escuridão do crepúsculo, no meio de grunhidos de animais dos quais não vemos nem a cauda, além desse desejo garantido que eu tenho de te ver deixando cair a humildade e que você não me dê de presente a arrogância – pois se eu tenho alguma fraqueza pela arrogância, eu odeio a humildade, em mim e nos outros, e essa troca me desagrada -, o que eu desejaria, você com certeza não teria. Meu desejo, se ele é mesmo um, se eu o exprimisse a você, queimaria o seu rosto, faria você afastar as mãos com um grito, e você sumiria na escuridão como um cachorro que corre tão depressa que não se vê nem a cauda dele. Mas não, a perturbação deste lugar e desta hora me faz esquecer se eu já tive algum dia algum desejo do qual eu pudesse me lembrar, não, eu não tenho mais que oferta a te fazer, e vai ser preciso que você faça um desvio para que eu não tenha o que fazer, que você se desloque do eixo que eu seguia, que você se anule, porque essa luz, lá no alto, no alto do prédio, da qual se aproxima a escuridão, continua imperturbavelmente brilhando; ela fura essa escuridão, como um fósforo aceso fura o pano que pretende asfixiá-lo.

**O DEALER**

- Você tem razão em pensar que eu não estou descendo de nenhum lugar e que eu não tenho nenhuma intenção de subir, mas você se enganaria se acreditasse que eu sofro por isso. Eu evito os elevadores como um cachorro evita a água. Não que eles se recusem a me abrir a porta nem que eu tenha horror a me fechar neles; mas os elevadores em movimento me fazem cócegas e eu perco ali minha dignidade; e, se eu gosto de sentir cócegas, eu gosto de poder não mais senti-las desde que minha dignidade o exija. Tem elevadores que são como certas drogas, o uso exagerado te deixa flutuando, nunca em cima nunca embaixo, tomando linhas curvas por linhas retas, e congelando o fogo no seu centro. No entanto, desde o tempo em que estou neste lugar, eu sei reconhecer as chamas que, de longe, atrás dos vidros, parecem geladas como crepúsculos de inverno, mas das quais basta se aproximar, calmamente, talvez afetuosamente, para se lembrar de que não tem mesmo claridade definitivamente fria, e meu objetivo não é te apagar, mas te abrigar do vento, e secar a umidade da hora ao calor desta chama. Pois, não importa o que você disser, a linha sobre a qual você andaria, de reta talvez que ela fosse, ficou torta quando você percebeu a minha presença, e eu percebi o momento preciso onde você me percebeu pelo momento preciso onde o seu caminho ficou curvo, e não curvo para te distanciar de mim, mas curvo para vira até mim, senão nós nunca teríamos nos encontrado, mas você teria se distanciado ainda de mim, pois você andaria à velocidade daquele que se desloca de um ponto a outro; e eu não teria nunca te alcançado porque eu me desloco lentamente, tranqüilamente, quase imovelmente, com o passo de quem não está indo de um ponto a outro mas de quem, em um lugar invariável, espreita aquele que passa na sua frente e espera que ele modifique ligeiramente seu percurso. E se eu digo que você fez uma curva, e que sem dúvida você vai afirmar que foi um desvio para me evitar, e que eu afirmarei em resposta que foi um movimento para se aproximar, sem dúvida é porque no final das contas você realmente não desviou, que toda linha reta apenas existe relativamente a um plano, que nós nos movemos segundo dois planos distintos, e que no final de todas as contas só existe o fato de que você me olhou e que eu interceptei esse olhar ou o inverso, e que, partindo, de absoluta que era, a linha

sobre a qual você se deslocava ficou relativa e complexa, nem reta nem curva, mas fatal.

**O CLIENTE**

- Entretanto eu não tenho, para te agradar, desejos ilícitos. Meu próprio comércio, eu o faço nas horas homologadas do dia, nos lugares de comércio homologados e iluminados com luz elétrica. Talvez eu seja puta, mas se eu sou, meu bordel não é deste mundo; ele se expõe, o meu, à luz legal e fecha suas portas à noite, timbrado pela lei e iluminado pela luz elétrica, pois mesmo a luz do sol não é confiável e tem complacências. O que você espera, você, de um homem que não dá um passo que não seja homologado e timbrado e legal e inundado de luz elétrica nos lugares mais insignificantes e escondidos? E se eu estou aqui, em percurso, na espera, em suspenso, em deslocamento, impedido, fora da vida, provisório, praticamente ausente, por assim dizer não aqui – pois se dizemos de um homem que atravessa o Atlântico de avião que ele está em tal momento na Groelândia, será que ele está mesmo? Ou no coração tumultuado do oceano? – e se eu fiz um desvio, se bem que minha linha reta, do ponto de onde eu venho ao ponto para onde eu vou não tenha motivo, nenhum, de ser entortada de repente, é que você está me barrando o caminho, cheio de intenções ilícitas e de presunções em relação a mim de intenções ilícitas. Ora saiba que o que mais me repugna no mundo, mais mesmo que a intenção ilícita, mais que a própria atividade ilícita, é o olhar daquele que presume que você está cheio de intenções ilícitas e habituado a tê-las; não somente por causa do próprio olhar, suspeito entretanto ao ponto de tornar suspeita uma torrente de montanha – e o seu olhar faria subir de novo a lama no fundo de um copo d'água -, mas porque, unicamente pelo peso desse olhar sobre mim, a virgindade que está em mim se sente subitamente violada, a inocência culpada, e a linha reta, suposta de me levar de um ponto luminoso a um outro ponto luminoso, por sua causa fica curva e se transforma em um labirinto escuto no escuro território onde eu me perdi.

**O DEALER**

- Você faz o possível para enfiar um espinho embaixo da sela do meu cavalo para que ele se irrite e dispare; mas, se meu cavalo é nervoso e às vezes indócil, eu o mantenho com uma rédea curta, e ele não dispara tão facilmente; um espinho não é uma lâmina, meu cavalo sabe a espessura do seu couro e pode se adaptar à coceira. No entanto, quem conhece completamente os humores dos cavalos: Às vezes eles suportam uma agulha enfiada no dorso, às vezes uma poeira que fica na sela pode fazê-los empinar e girar sobre eles mesmos e derrubar o cavaleiro. Saiba então que se eu falo com você, a esta hora, assim, calmamente, talvez ainda com respeito, não é como você: pela força das coisas, segundo uma linguagem que te faz ser reconhecido como aquele que tem medo, um pequeno medo agudo, insano, visível demais, como aquele que uma criança tem de um possível tapa de seu pai; eu tenho a linguagem daquele que não se deixa reconhecer, a linguagem desse território e dessa parte do tempo onde os homens puxam a coleira e onde os porcos batem a cabeça contra a cerca: eu mantenho a minha língua como um garanhão é mantido pela rédea para que ele não se jogue sobre a égua, porque se eu soltasse a rédea, se eu afrouxasse ligeiramente a pressão dos meus dedos e a tração dos meus braços, minhas palavras desmontariam a mim mesmo e se jogariam em direção ao horizonte com a violência

de um cavalo árabe que percebe o deserto e que nada mais pode frear. É por isso que sem te conhecer, desde a primeira palavra eu te tratei corretamente, desde o primeiro passo que eu dei na sua direção, um passo correto, humilde e respeitoso, sem saber se alguma coisa em você merecia respeito, sem nada conhecer de você que pudesse me fazer saber se a comparação de nossos dois estados autorizava que eu fosse humilde e você arrogante, eu deixei para você a arrogância por causa da hora do crepúsculo na qual nós nos aproximamos um do outro, porque a hora do crepúsculo na qual você se aproximou de mim é aquela onde a correção não é mais obrigatória e passa a ser então necessária, onde nada mais é obrigatório fora uma relação selvagem na escuridão, e eu poderia ter caído sobre você como um trapo sobre a chama de uma vela, eu poderia ter te puxado pela gola da camisa, de surpresa. E esta correção, necessária mas gratuita, que eu te ofereci, liga você a mim, nem que seja parque eu poderia, por orgulho, ter andado sobre você como uma bota esmaga um papel engordurado, pois eu sabia, por causa desse tamanho que faz a nossa diferença primeira — e a esta hora e neste lugar só o tamanho faz a diferença —, nós dois sabemos quem é a bota e quem, o papel engordurado.

**O CLIENTE**

- Se no entanto eu o fiz, saiba que eu desejaria não ter olhado para você. O olhar caminha e se coloca e acredita estar em terreno neutro e livre, como uma abelha em um campo de flores, como o focinho de uma vaca dentro do espaço cercado de uma pradaria. Mas o que fazer com o olhar? Olhar em direção ao céu me faz ficar nostálgico e fixar o chão me entristece, lamentar alguma coisa e lembrar que nós não a temos são duas coisas igualmente inoportunas. Então é preciso olhar diante de si, à sua altura, qualquer que seja o nível onde o pé está provisoriamente colocado; é por isso que quando eu andava aqui onde eu estava andando há pouco e onde eu estou agora parado, meu olhar devia bater cedo ou tarde em todas as coisas que estivessem postas ou andando na mesma altura que eu; acontece que, pela distância e pelas leis da perspectiva, todo homem e todo animal está provisoriamente e aproximadamente à mesma altura que eu. Talvez, na verdade, a única diferença que nos resta para nos distinguir, ou a única injustiça se você preferir, é aquela que faz com que um tenha vagamente medo de um possível tapa do outro; e a única semelhança, ou única justiça se você preferir, é a ignorância onde estamos do grau segundo o qual esse medo é compartilhado, do grau de realidade futuro desses tapas, e do grau respectivo de sua violência. Assim não estamos fazendo nada além de reproduzir a relação comum dos homens e dos animais entre eles nas horas e nos lugares ilícitos e tenebrosos que nem a lei nem a eletricidade invadiram; e é por isso que, por ódio aos animais e por ódio aos homens, eu prefiro a lei e eu prefiro a luz elétrica e eu tenho razão em acreditar que toda luz natural e todo ar não filtrado e a temperatura das estações não corrigida faz o mundo ficar arriscado; pois não há paz nem direito nos elementos naturais, não há comércio no comércio ilícito, há apenas a ameaça e a fuga e o golpe sem objeto para vender e sem objeto para comprar e sem moeda válida e sem escala de preços, trevas, trevas dos homens que se abordam durante a noite; e se você me abordou, é porque na verdade você quer me bater; e se eu te perguntasse porque você quer me bater, você me responderia, eu sei, que é por uma razão secreta sua, que não é necessário, sem dúvida, que eu conheça. Então eu não te perguntarei nada. Por acaso

a gente fala a uma telha que cai do teto e que vai quebrar a sua cabeça? A gente é uma abelha que pousou sobre a flor ruim, o focinho de uma vaca que quis pastar do outro lado da cerca elétrica; a gente se cala ou foge, a gente lamenta, espera, a gente faz o que pode, motivos insanos, ilegalidade, trevas. Eu pus o pé na valeta de um estábulo onde correm mistérios como dejetos de animais; e foi desses mistérios e dessa escuridão que são seus que saiu a regra que quer que entre dois homens que se encontrem seja preciso sempre escolher ser aquele que ataca; e sem dúvida, a esta hora e nestes lugares, seria preciso se aproximar de todo homem ou animal sobre o qual o olhar tenha se colocado, bater nele e lhe dizer: eu não sei se era sua intenção bater em mim, por uma razão insana e misteriosa que de qualquer maneira você não teria julgado necessário me contar, mas, seja como for, eu preferi fazê-lo primeiro, e a minha razão, se é insana, ao menos não é secreta: estava no ar, pela minha presença e pela sua e pela conjunção acidental de nossos olhares, a possibilidade de que você me batesse primeiro, e eu preferi ser a telha que cai do que a cabeça, a cerca elétrica do que o focinho da vaca. Senão, se fosse verdade que nós somos, você o vendedor com a posse de mercadorias tão misteriosas que você se recusa em revelá-las e que eu não tenho nenhum meio de adivinhá-las, e eu o comprador com um desejo tão secreto que eu mesmo o ignoro e que eu precisaria, para me assegurar de que tenho realmente um, esfregar minha lembrança como uma casca para fazer correr o sangue, se isso é verdade, por que você continua a guardá-las escondidas, suas mercadorias, embora eu tenha parado, e esteja aqui, esperando? como numa grande mochila, trancada, que você carrega nos ombros, como uma impalpável lei da força da gravidade, como se elas não existissem e só devessem existir tomando a forma de um desejo; como aqueles homens que ficam em frente das boates de *strip-tease.* que te puxam pelo cotovelo, quando você está voltando pra casa, à noite, para dormir, e te enfiam na orelha: ela está aqui, esta noite. Ao passo que se você as mostrasse para mim, se você desse um nome à sua oferta, coisas lícitas ou ilícitas, mas com nome e então no mínimo julgáveis, se você as nomeasse, eu saberia dizer não, e eu não me sentiria mais como uma árvore balançada por um vento vindo de parte nenhuma e que desestrutura suas raízes. Porque eu sei dizer não e eu gosto de dizer não, eu sou capaz de te fascinar com os meus nãos, de te fazer descobrir todas as formas que existem de dizer não, que começam por todas as formas que existem de dizer sim, como as pessoas que experimentam todas as camisas e todos os sapatos para não levar nenhum, e o prazer que elas têm em experimentar todos é feito apenas do prazer que elas têm em recusá-los todos. Decida-se, mostre-se: você é o bruto que destrói a calçada, ou você é comerciante? Nesse caso estenda primeiro sua mercadoria, e nós demoraremos olhando-a.

**O DEALER**

- É porque eu quero ser comerciante, e não bruto, mas verdadeiro comerciante, que eu não te digo o que eu possuo e te ofereço, pois eu não quero ter de suportar uma recusa, que é a coisa que todo comerciante mais teme no mundo, porque é uma arma da qual ele mesmo não dispõe. Assim, eu nunca aprendi a dizer não, e definitivamente eu não quero aprender; mas todos os tipos de sim, eu sei: sim espere um pouco, espere muito, espere comigo uma eternidade aqui; sim eu tenho, eu terei, eu tinha e eu terei de novo, eu nunca  tive mas eu terei pra você. E que venham

me dizer: digamos que alguém tenha um desejo, que o confesse, e que você não tenha nada para satisfazê-lo? eu curei: eu tenho o que é preciso para satisfazê-lo; se me dizem: imagine no entanto que você não tem? mesmo imaginando, eu tenho sempre. E que me digam: suponhamos que no fim das contas esse desejo seja tal que absolutamente você não queira nem ter a idéia do que é preciso para satisfazê-lo? Bom, mesmo não querendo, apesar disso, eu tenho o que é preciso, assim mesmo. Mas quanto mais um vendedor é correto, mais o comprador é perverso; todo vendedor procura satisfazer um desejo que ele ainda não conhece, ao passo que o comprador submete sempre seu desejo à satisfação primeira de poder recusar o que lhe é oferecido; assim seu desejo inconfessado é exaltado pela recusa, e ele esquece seu desejo no prazer que ele tem em humilhar o vendedor. Mas eu não sou da raça dos comerciantes que invertem suas placas para satisfazer o gosto dos clientes pela cólera e indignação. Eu não estou aqui para dar prazer, mas para preencher o abismo do desejo, recordar o desejo, obrigar o desejo a ter um nome, arrastá-lo até a terra, dar-lhe uma forma e um peso, com a crueldade obrigatória que existe em dar uma forma e um peso ao desejo. E por que eu vejo o seu aparecer como saliva no canto dos seus lábios que seus lábios engolem, eu esperarei que ele corra ao longo do seu queixo ou que você o cuspa antes de te dar um lenço, porque se eu te der o lenço cedo demais, eu sei que você o recusaria, e é um sofrimento que eu definitivamente não quero sofrer. Pois o que todo homem ou animal teme, a esta hora onde o homem anda na mesma altura que o animal e onde todo animal anda na mesma altura que todo homem, não é o sofrimento, pois o sofrimento se mede, e a capacidade de impor e de tolerar o sofrimento se mede; o que ele teme acima de tudo, é a estranheza do sofrimento, e de ser levado a suportar um sofrimento que não lhe seja familiar. Assim a distância que se manterá sempre entre os brutos e as senhoritas que povoam o mundo vem não da avaliação respectiva das forças, porque então, o mundo se dividiria muito simplesmente entre os brutos e as senhoritas, todo bruto se jogaria sobre cada senhorita e o mundo seria simples; mas o que mantém o bruto, e o manterá ainda por eternidades, a distância da senhorita, é o mistério infinito e a infinita estranheza das armas, como essas pequenas bombas que elas carregam em suas bolsas de mão, cujo líquido elas jogam nos olhos dos brutos para fazê-los chorar, e vê-se bruscamente os brutos chorando na frente das senhoritas, toda dignidade destruída, nem homem, nem animal, passarem a ser nada, apenas lágrimas de vergonha na terra de um campo. É por isso que brutos e senhoritas se temem e desconfiam tanto uns dos outros, porque só impomos os sofrimentos que nós mesmos podemos suportar, e só tememos os sofrimentos que nós mesmos não somos capazes de impor. Então não se recuse a me dizer o objeto, eu te peço, da sua febre, do seu olhar sobre mim, a razão, a dizê-la a mim; e se trata-se de não ferir absolutamente sua dignidade, bom, diga-a como a dizemos a uma árvore, ou perante o muro de uma prisão, ou na solidão de um campo de algodão no qual se anda, nu, à noite; a dizê-la a mim sem nem me olhar. Pois a verdadeira única crueldade desta hora do crepúsculo onde nós dois nos mantemos não é que um homem fira o outro, ou o mutile, ou torture-o, ou lhe arranque os membros e a cabeça, ou mesmo faça-o chorar; a verdadeira e terrível crueldade é aquela do homem ou do animal que torna o homem ou o animal inacabado, que o interrompe como reticências no meio de uma frase, que

se desvia dele depois de tê-lo olhado, que faz, do animal ou do homem, um erro do olhar, um erro do julgamento, um erro, como uma carta que se começou e que se amassa bruscamente logo depois de ter escrito a data.

**O CLIENTE**

- Você é um bandido estranho demais, que não rouba nada ou demora demais a roubar, um ladrão excêntrico que entra à noite no pomar para balançar as árvores, e que vai embora sem levar as frutas. Você que é o habituado a esses lugares, e eu sou o estrangeiro; eu sou aquele que tem medo e que tem razão em ter medo; eu sou aquele que não te conhece, que não pode te conhecer, que apenas imagina a sua silhueta na escuridão. Era você quem tinha de adivinhar, de nomear alguma coisa, e então, talvez, com um movimento de cabeça, eu teria aprovado, com um sinal, você teria sabido; mas eu não quero que o meu desejo seja espalhado por nada como sangue sobre uma terra estrangeira. Você não arrisca nada; você conhece de mim a inquietude e a hesitação e a desconfiança; você sabe de onde eu venho e para onde eu vou; você conhece estas ruas, você conhece esta hora, você conhece os seus planos; eu, eu não conheço nada, eu arrisco tudo. Na sua frente, eu estou como na frente desses homens travestidos em mulheres que se fantasiam de homens, no fim, não se sabe mais onde está o sexo. Porque sua mão se pôs sobre mim como aquela do bandido sobre sua vítima ou como aquela da lei sobre o bandido, e desde quando eu sofro, ignorante, ignorante da minha fatalidade, ignorante se eu sou julgado ou cúmplice, por não saber do que eu sofro, eu sofro por não saber qual ferida você me faz e por onde corre meu sangue. Talvez na verdade você não seja nada estranho, mas astucioso; talvez você seja apenas um servidor disfarçado da lei como a lei mantida secreta à imagem do bandido pata perseguir o bandido; talvez você seja, finalmente, mais leal do que eu. E então por nada, por acidente, sem que eu tenha dito nada nem desejado nada, porque eu não sabia quem você é, eu sou o estrangeiro que não conhece a língua, nem os costumes, nem o que aqui é mau ou conveniente, o certo ou o errado, e que age como deslumbrado, perdido, é como se eu tivesse te pedido alguma coisa, como se eu tivesse te pedido a pior coisa possível e fosse culpado por ter pedido. Um desejo como sangue aos seus pés correu fora de mim, um desejo que eu não conheço e não reconheço, que você é o único a conhecer, e que você julga. Se é assim, se você se esforça, com o empenho suspeito do traidor, em me acuar a agir com ou contra você para que, em todos os casos, eu seja culpado, se é isso, e não, reconheça ao menos que eu realmente ainda não agi nem por nem contra você, que não há nada ainda a me criticar, que eu me conservei honesto até este instante. Testemunhe a meu favor que eu não tive prazer na escuridão onde você me parou, que eu apenas parei aqui porque você colocou a mão em cima de mim; testemunhe que eu chamei a luz, que eu não me introduzi na escuridão como um ladrão, por minha própria vontade e com intenções ilícitas, mas que eu fui surpreendido aqui e que eu gritei, como uma criança na sua cama cuja lâmpada que fica acesa a noite inteira se apaga de repente.

**O DEALER**

- Se você acredita que eu esteja animado por intenções de violência em relação a você e talvez você tenha razão —, não dê cedo demais nem um gênero nem um nome a esta violência. Você nasceu com o pensamento de que o sexo de um

homem se esconde em um lugar preciso e que ele fica lá, e você guarda cautelosamente este pensamento; entretanto, eu sei, eu — apesar de nascido da mesma maneira que você —, que o sexo de um homem, com o tempo que ele passa esperando e esquecendo, ficando sentado na solidão, se movimenta calmamente de um lugar a outro, nunca escondido em um lugar preciso, mas visível lá onde não o procuram; e que nenhum sexo, passado o tempo onde o homem aprendeu a se sentar e a descansar tranqüilamente na sua solidão, se parece com nenhum outro sexo, não mais do que um sexo macho se parece com um sexo fêmeo; que não se trata de disfarce de uma coisa como esta, mas uma doce hesitação das coisas, como as estações intermediárias que não são nem verão disfarçado de inverno, nem inverno de verão. Entretanto uma suposição não merece que se perturbem por ela; é preciso manter sua imaginação como sua pequena noiva: se e bom vê-la vagabundear, é estúpido deixá-la perder o senso das conveniências. Eu não sou astucioso, mas curioso; eu tinha posto minha mão no seu braço por pura curiosidade, para saber se, a uma carne que tem aparência daquela de uma galinha depenada, corresponde o calor da galinha viva ou o frio da galinha morta, e agora, eu sei. Você sofre, seja dito sem te ofender, do frio como a galinha viva depenada pela metade, como a galinha acometida, no senso estrito do termo, de uma doença que faz cair as penas; e, quando eu era pequeno, eu corria atrás delas no galinheiro para tocar nelas e descobrir, por curiosidade pura, se sua temperatura era aquela da morte ou da vida. Hoje que eu te toquei, eu senti em você o frio da morte, mas eu senti também o sofrimento do frio, como só um ser vivo pode sofrer. É por isso que eu te estendi meu casaco para cobrir os seus ombros, já que eu não sofro, eu, do frio. E eu nunca sofri disso, ao ponto em que eu sofri por não conhecer esse sofrimento, ao ponto em que o único sonho que eu tinha, quando eu era pequeno — desses sonhos que não são objetivos mas prisões suplementares, que são o momento onde a criança percebe as barreiras de sua primeira prisão, como aqueles que, nascidos de escravos, sonham que são filhos dos patrões, meu próprio sonho era conhecer a neve e o gelo, conhecer o frio que é o seu sofrimento. Se eu te emprestei meu casaco apenas, não é que eu não saiba que você sofre do frio não apenas no alto do seu corpo, mas, seja dito sem te ofender, do alto até embaixo e talvez mesmo um pouco além; e, no que me diz respeito, eu terei sempre pensado que seria preciso ceder ao friorento a peça de roupa correspondente ao lugar onde ele sente frio, com o risco de se encontrar nu, de alto a baixo e talvez mesmo um pouco além; mas minha mãe, que não era de jeito nenhum avarenta mas dotada de senso das conveniências, me disse que se era válido dar sua camisa ou seu casaco ou qualquer coisa que cubra o alto do corpo, é preciso sempre hesitar longamente a dar seus sapatos, e que em nenhum caso e conveniente ceder suas calças. Acontece que, da mesma forma que eu sei sem explicar mas com uma certeza absoluta que a terra sobre a qual nós estamos colocados você e eu e os outros está ela mesma colocada em equilíbrio sobre o chifre de um touro e mantida nesta posição pela mão da providência, da mesma forma eu me esforço, sem realmente saber por que mas sem hesitação, em ficar no limite do que é conveniente, evitando o inconveniente como uma criança deve evitar se pendurar na beira do telhado antes mesmo de compreender a lei da queda dos corpos. E da mesma forma que a criança acredita que a proíbem de se pendurar na beira do telhado para impedi-la de voar, eu acreditei

muito tempo que proibiam o menino de ceder suas calças para impedi-lo de descobrir o entusiasmo ou a melancolia de seus sentimentos. Mas hoje que eu compreendo mais as coisas, que eu reconheço mais as coisas que eu não compreendo, que eu fiquei neste lugar e nesta hora tanto tempo, que eu vi passar tantos passantes, que eu os olhei e que às vezes eu pus a mão nos braços deles, tantas vezes, sem compreender nada e sem querer compreender nada mas sem renunciar para tanto a olhá-los e fazer o possível para pôr minha mão nos braços deles porque é mais fácil agarrar um homem que passa do que uma galinha no galinheiro —, eu sei bem que não há nada de inconveniente nem no entusiasmo nem na melancolia que seja preciso esconder, e que é preciso seguir a regra sem saber por quê. Além do mais, seja dito sem te ofender, eu esperava, ao cobrir os seus ombros com o meu casaco, tornar sua aparência mais familiar aos meus olhos. Estranheza demais pode fazer com que eu fique tímido, e, vendo você vir em minha direção agora há pouco, eu me perguntei porque o homem não doente se veste como uma galinha acometida por uma doença que faz cair as penas e que perde suas penas e continua andando no galinheiro com as penas fixadas sobre ela apesar de sua doença, e sem dúvida, por timidez, eu teria me contentado em coçar a cabeça e fazer um desvio para te evitar, se eu não tivesse visto, no seu olhar fixo em mim, o vislumbre daquele que vai, no senso estrito do termo, pedir alguma coisa, e esse vislumbre me distraiu da sua roupa ridícula.

**O CLIENTE**

- O que você espera tirar de mim? Todo gesto que eu tomo por um golpe acaba como uma carícia; é inquietante ser acariciado quando se deveria apanhar. Eu exijo que ao menos você desconfie, se você quer que eu me demore. Já que você pretende por acaso me vender alguma coisa, por que não duvidar primeiro de que eu tenha com o que pagar? meus bolsos, talvez, estejam vazios; teria sido honesto que você me pedisse primeiramente para expor meu dinheiro no balcão, como se faz com os clientes duvidosos. Você não me perguntou nada do tipo: que prazer você tira do risco de ser enganado? Eu não vim a este lugar para encontrar doçura; a doçura corta em pedaços, ela ataca por partes, retalha as forças como um cadáver numa sala de medicina. Eu preciso da minha integridade; a hostilidade, ao menos, me manterá inteiro. Fique com raiva: senão, onde eu vou buscar minha força? Fique com raiva: nós ficaremos mais próximos dos nossos negócios, e nós teremos certeza de que estamos tratando ambos do mesmo negócio. Pois, se eu compreendo de onde eu tiro o meu prazer, eu não compreendo de onde você tira o seu.

**O DEALER**

- Se eu tivesse por um instante duvidado de que você não tivesse o necessário para pagar o que você veio procurar, eu teria me desviado quando você se aproximou de mim. Os comércios comuns exigem de seus clientes provas de que estes possam pagar, mas as lojas de luxo adivinham e não perguntam nada, nem se rebaixam nunca para verificar o montante do cheque e a conformidade da assinatura. São objetos para vender e objetos para comprar tais que a questão não se coloca de saber se o comprador será capaz de quitar o preço nem quanto tempo ele gastará para se decidir. Assim eu sou paciente porque não se ofende um homem que se distancia quando se sabe que ele vai retroceder. Não se pode voltar atrás de um insulto, enquanto se pode

voltar atrás de uma gentileza, e é melhor abusar desta do que usar uma só vez o outro. É por isso que eu não ficarei com raiva ainda, porque eu tenho o tempo de não ficar com raiva, e eu tenho o tempo de ficar com raiva, e eu ficarei com raiva talvez quando todo esse tempo tiver corrido.

**O CLIENTE**

- E se — por hipótese — eu admitisse que só tinha usado a arrogância — sem gosto — porque você tinha me pedido para usá-la quando você se aproximou de mim com algum objetivo que eu não adivinho ainda — pois eu não tenho muito talento para adivinhar — e que me retém enquanto isso aqui? se por hipótese eu te dissesse que o que me retém aqui fosse a incerteza que eu tenho dos seus objetivos, e o interesse que eu tenho nisso? Na estranheza da hora e estranheza do lugar e estranheza do seu avanço em direção a mim eu teria avançado em direção a você, movido por esse movimento conservado na sua totalidade de maneira indelével até que um movimento contrário lhe foi transmitido. Se fosse por inércia que eu tivesse me aproximado de você? levado até embaixo não por vontade própria mas por essa atração que experimentam os príncipes que vão se misturar à plebe nos albergues, ou a criança que desce escondida até o porão, a atração do objeto minúsculo e solitário pela massa escura, impassível que está na sombra; eu teria vindo até você, medindo tranqüilamente a moleza do ritmo do meu sangue nas minhas veias, com a questão de saber se essa moleza seria excitada ou esgotada completamente; lentamente talvez, mas cheio de esperança, sem desejo formulável, pronto a me satisfazer com o que me oferecessem, porque, qualquer coisa que me oferecessem, teria sido como o sulco de um campo estéril durante tempo demais por abandono, ele não diferencia os grãos quando eles caem sobre o campo; pronto a me satisfazer com tudo, na estranheza da nossa aproximação, de longe eu teria acreditado que você se aproximava de mim, de longe eu teria tido a impressão de que você me olhava; então, eu teria me aproximado de você, eu teria te olhado, eu teria chegado perto de você, esperando de você — coisas demais — coisas demais, não que você adivinhasse, pois eu mesmo não sei, eu mesmo não sei adivinhar, mas eu esperava de você e o gosto de desejar, e a idéia de um desejo, o objeto, o preço, e a satisfação.

**O DEALER**

- Não há vergonha em esquecer à noite aquilo de que nós nos lembraremos pela manhã; a noite é o momento do esquecimento, da confusão, do desejo tão esquentado que se torna vapor. Entretanto a manhã o leva como uma grande nuvem acima da cama, e ele será estúpido de não prever a noite a chuva da manhã. Se então por hipótese você me dissesse que você está no momento desprovido de desejo a exprimir, por cansaço ou por esquecimento ou por excesso de desejo que leva ao esquecimento, por hipótese de retorno eu te diria para decididamente não se cansar mais e pegar emprestado aquele de algum outro. Um desejo se rouba mas não se inventa; acontece que o casaco de um homem conserva o mesmo calor se vestido por um outro, e um desejo se pega emprestado mais facilmente do que uma roupa. Já que custe o que custar eu devo vender e custe o que custar você precisará comprar, bom, compre para outros além de você qualquer desejo que esteja por aí e que você pegar resolverá a questão —, para divertir por exemplo e satisfazer quem acorda perto de você de manhã nos seus lençóis, uma noivinha que desejará ao acordar alguma coisa

que você não tem ainda, que você terá prazer em oferecer a ela, e que você ficará feliz em possuir porque você terá comprado de mim. É a sorte do comerciante que existam tantas pessoas diferentes tantas vezes ligadas a tantos objetos diferentes de tantas maneiras diferentes, pois a memória de uns é substituída pela memória de outros. E a mercadoria que você vai comprar de mim poderá muito bem servir a qualquer outro se por hipótese — você não tiver utilidade para ela.

**O CLIENTE**

- A regra quer que um homem que encontra um outro acabe sempre lhe dando um tapinha nas costas enquanto falam de mulher; a regra quer que a lembrança da mulher sirva de último recurso aos combatentes cansados; a regra quer isso, a sua regra; eu não me submeterei a ela. Eu não quero que encontremos a nossa paz na ausência da mulher, nem na lembrança de uma ausência, nem na lembrança de qualquer coisa que seja. As lembranças me desagradam e as ausências também; à comida digerida, eu prefiro os pratos nos quais ainda não tocamos. Eu não quero uma paz vinda de qualquer lugar; eu não quero que encontremos a paz. Mas o olhar do cachorro não contém nada além da suposição de que tudo em volta dele, é cachorro com toda certeza. Assim você afirma que o mundo sobre o qual nós estamos, você e eu, é mantido na ponta do chifre de um touro pela mão de uma providência; acontece que eu sei, eu, que ele flutua, colocado sobre as costas de três baleias; que não há providência nem equilíbrio, mas o capricho de três monstros idiotas. Nossos mundos não são então os mesmos, e nossa estranheza está misturada às nossas naturezas como a uva no vinho. Não, eu não levantarei a pata, na sua frente, no mesmo lugar que você; eu não sofro a mesma força da gravidade que você; eu não vim da mesma fêmea. Porque não é de manhã que eu acordo, e não é nos lençóis que eu durmo.

**O DEALER**

- Não fique com raiva, paizinho, não fique com raiva. Eu sou apenas um pobre vendedor que conhece apenas este pedaço de território onde eu espero para vender, que não conhece nada além do que a sua mãe lhe ensinou; e como ela não sabia nada, ou quase, eu não sei nada também, ou quase. M as um bom vendedor tenta dizer o que o comprador quer ouvir, e, para tentar adivinhar, ele precisa tocar-lhe um pouco para reconhecer o odor. O seu odor não me foi nem um pouco familiar, nós na verdade não saímos da mesma mãe. Mas a fim de poder te abordar, eu supus que você bem que saiu de uma mãe você também como eu, supondo que sua mãe te fez irmãos como a mim, em um número incalculável como uma crise de soluço depois de uma grande refeição, e que o que nos aproxima em todo caso, é a ausência de raridade que nos caracteriza a ambos. E eu me agarrei a isso do pouco que nós temos em comum, pois podemos viajar muito tempo no deserto com a condição de que tenhamos um ponto de referência em algum lugar. Mas se eu me enganei, se você não saiu de uma mãe, e ninguém te fez irmãos, e se você não tem uma noivinha que acorda com você pela manhã nos seus lençóis, paizinho, eu te peço perdão. Dois homens que se cruzam não têm outra escolha senão bater um no outro, com a violência do inimigo ou a doçura da fraternidade. E se eles escolhem no final, no deserto desta hora, evocar aquele que não está aqui, passado ou sonho, ou falta, é que não enfrentam diretamente a estranheza exagerada. Diante do mistério é conveniente se abrir e se revelar inteiramente a fim de forçar o mistério a se revelar por sua vez.

As lembranças são as armas secretas que o homem guarda com ele quando está despido, a última franqueza que obriga a franqueza em retorno; a última nudez. Eu não tiro daquilo que eu sou nem glória nem confusão, mas porque você me é desconhecido, e mais desconhecido ainda a cada instante, bom, como meu casaco que eu tirei e estendi para você, como minhas mãos que eu te mostrei desarmadas, se eu sou cachorro e você humano, ou se eu sou humano e você outra coisa além disso, de alguma raça que eu seja e de alguma raça que você seja, a minha, ao menos, eu ofereço aos seus olhares, eu deixo você tocar nela, me apalpar e se habituar a mim, como um homem se deixa revistar para não esconder suas armas. É por isso que eu te proponho, prudentemente, gravemente, tranqüilamente, olhar para mim com amizade, porque fazemos melhores negócios sob o abrigo da familiaridade. Eu não procuro te enganar, e não peço nada que você não queira dar. A única camaradagem que vale a pena que nos tenhamos não implica agir de uma certa maneira, mas não agir; eu te proponho a imobilidade, a infinita paciência e a injustiça cega do amigo. Já que não há justiça entre quem não se conhece, e não há amizade entre quem se conhece, não mais do que não há ponte sem barranco. Minha mãe sempre me disse que era estúpido recusar um guarda-chuva quando se sabe que vai chover.

**O CLIENTE**

- Eu preferia você astucioso a amigável. A amizade é mais pão-dura do que a traição. Se fosse um sentimento do qual eu precisasse, eu teria dito a você, eu teria te perguntado o preço, e eu o teria quitado. Mas os sentimentos se trocam apenas contra seus semelhantes; é um falso comércio com uma falsa moeda, um comércio de pobre que imita o comércio. Por acaso trocamos um saco de arroz contra um saco de arroz: Você não tem nada a oferecer, é por isso que você joga seus sentimentos no balcão, como os maus comércios fazem o abatimento sobre a mercadoria contrabandeada, e depois não é mais possível reclamar do produto. Eu não tenho sentimento para te dar em retorno; desta moeda eu estou desprovido, eu não pensei em trazê-la comigo, você pode me revistar. Então, guarde a sua mão no seu bolso, guarde a sua mãe na sua família, guarde as suas lembranças para a sua solidão, é a coisa mais insignificante. Eu não vou querer nunca essa familiaridade que você tenta, escondido, instaurar entre nós. Eu não quis a sua mão no meu braço, eu não quis o seu casaco, eu não quero o risco de ser confundido com você. Pois saiba que, se você foi surpreendido há pouco pela minha roupa, e você não achou que era bom esconder a sua surpresa, a minha surpresa foi ao menos tão grande quando eu te olhei se aproximando de mim. Mas, em terreno estranho, o estrangeiro toma o hábito de mascarar o seu espanto, porque para ele toda esquisitice torna-se costume local, e ele precisa se habituar como ao clima ou ao prato regional. Mas se eu te levasse entre os meus, e que você fosse, você, o estrangeiro forçado a esconder o seu espanto, e nós os nativos livres para expor o nosso espanto, nós ficaríamos em volta de você te apontando com o dedo, nós te tomaríamos com certeza por um carrossel de parque de diversões, e me perguntariam onde se compram os bilhetes. Você não está aqui para o comércio. Você está aqui mais para a mendicância, e para o roubo que a sucede como a guerra às discussões. Você não está aqui para satisfazer desejos. Porque desejos, eu tinha, eles caíram em volta de nós, nós os pisoteamos; grandes, pequenos, complicados, fáceis, teria sido suficiente que você se abaixasse para pega-los aos punhados; mas

você os deixou rolar para a sarjeta, porque mesmo os pequenos. mesmo os fáceis, você não tem com o que satisfazê-los. Você é pobre, e você está aqui não por gosto mas por pobreza, necessidade e ignorância. Eu não finjo que estou comprando imagens piedosas nem pagando os acordes miseráveis de uma guitarra num canto de rua. Eu faço caridade se eu quero fazer, ou eu pago o preço das coisas. Mas que os mendigos mendiguem, que eles ousem estender a mão, e que os ladrões roubem. Eu não quero nem te insultar nem te agradar; eu não quero ser nem bom, nem mau, nem bater, nem apanhar, nem seduzir, nem que você se esforce para me seduzir. Eu quero ser zero. Eu temo a cordialidade, eu não tenho vocação para parentesco, e mais do que aquela dos golpes eu temo a violência da camaradagem. Sejamos dois zeros bem redondos, impenetráveis um ao outro, provisoriamente justapostos, e que rolam, cada um na sua direção. Aqui, que nós estamos sós, na infinita solidão desta hora e deste lugar que não são nem uma hora nem um lugar definíveis, porque não tem razão para que eu te encontre aqui nem razão para que você cruze por mim aqui nem razão para a cordialidade nem valor razoável para nos preceder e que nos dê um sentido, sejamos simples, solitários e orgulhosos zeros.

**O DEALER**

- Mas agora é tarde demais: a conta está cortada e será preciso que ela seja liquidada. É justo roubar de quem não quer ceder e guarda com ciúme nos seus cofres para seu prazer solitário, mas é grosseiro roubar quando tudo está para vender e tudo para comprar. E se é provisoriamente conveniente dever a alguém o que é apenas um justo prazo combinado —, é obsceno dar e obsceno aceitar que te dêem gratuitamente. Nós nos encontramos aqui para o comércio e não para a batalha, então não será justo que haja um perdedor e um ganhador. Você não vai partir como um ladrão com os bolsos cheios, você esquece o cachorro que guarda a rua e que vai te morder o cu. Já que você veio aqui, no meio da hostilidade dos homens e dos animais em cólera, para não procurar nada alcançável, já que você quer ser machucado por não sei que razão obscura, você vai precisar, antes de virar as costas, pagar, e esvaziar seus bolsos, para que não se fique devendo nada, e nada seja dado. Desconfie do comerciante: o comerciante que é roubado é mais ciumento do que o proprietário que é assaltado; desconfie do comerciante: seu discurso tem a aparência do respeito e da doçura, a aparência da humildade, a aparência do amor, a aparência apenas.

**O CLIENTE**

- O que é então que você perdeu e que eu não ganhei? porque eu posso fuçar a minha memória, eu não ganhei nada, eu não. Eu aceito pagar o preço das coisas; mas eu não pago o vento, a escuridão, o nada que está entre nós. Se você perdeu alguma coisa, se a sua fortuna está mais leve depois de ter me encontrado do que ela era antes, onde então passou o que falta a nós dois? Mostre para mim. Não, eu não desfrutei de nada, não, eu não pagarei nada.

**O DEALER**

- Se você quer saber o que esteve desde o início inscrito na sua fatura, e que você vai ter de pagar antes de me virar as costas, eu te direi que é a espera, e a paciência, e a mercadoria que o vendedor cria para o cliente, e a esperança de vender, a esperança principalmente que faz com que todo homem que se aproxima de todo

homem com um pedido no olhar seja de cara um devedor. De toda promessa de venda se deduz a promessa de comprar, e há a multa a pagar para quem rompe a promessa.

**O CLIENTE**

- Nós não estamos, você e eu, perdidos sozinhos no meio dos campos. Se eu chamasse deste lado, em direção a essa parede, lá no alto, em direção ao céu, você veria luzes brilharem, passos se aproximando. socorro. Se é duro odiar sozinho, para muitos isso se torna um prazer. Você ataca os homens mais do que as mulheres, porque você teme o grito das mulheres, e você supõe que todo homem achará indigno gritar; você conta com a dignidade, a vaidade, a mudez dos homens. Eu te dou essa dignidade de presente. Se é mal que você me deseja, eu chamarei, eu gritarei, eu pedirei socorro, eu vou te fazer ouvir todas as maneiras que existem de pedir socorro, pois eu conheço todas.

**O DEALER**

- Se não é a desonra da fuga que te impede, por que você não foge? A fuga é um meio sutil de combate; você é sutil; você deveria fugir. Você é como essas senhoras gordas nos salões de chá que se metem entre as mesas entornando as cafeteiras: você caminha o seu cu atrás de você como um pecado pelo qual você tem remorso, e você se vira em todos os sentidos para fazer crer que o seu cu não existe. Mas não vai adiantar nada, vão te morder o cu assim mesmo.

**O CLIENTE**

- Eu não sou da raça daqueles que atacam primeiro. Eu peço tempo. talvez fosse preferível, finalmente, catarmos uns piolhos em vez de ficarmos nos mordendo. Eu peço tempo Eu não quero ser acidentado como um cachorro distraído. Venha comigo; procuremos gente, pois a solidão nos cansa.

**O DEALER**

- Há este casaco que você não pegou quando eu o estendi para você, e agora, vai ser preciso que você se abaixe para pegá-lo.

**O CLIENTE**

- Se no entanto eu cuspi em alguma coisa, eu o fiz sobre generalidades e sobre uma roupa que é apenas uma roupa; e se está na sua direção, não é contra você, e você não tinha nenhum movimento a fazer para se esquivar do escarro; e se você faz um movimento para recebê-lo na cara, por gosto, por perversidade ou por cálculo, não impede que seja apenas por este pedaço de pano que eu mostrei algum desprezo, e um pedaço de pano não pede conta. Não, eu não curvarei as costas na sua frente, isso é impossível eu não tenho a flexibilidade de um contorcionista de feira. Tem movimentos que o homem não pode fazer, como o de lamber o seu próprio cu. Eu não pagarei uma tentação que eu não tive.

**O DEALER**

- Não é conveniente para um homem deixar insultarem sua roupa. Porque se a verdadeira injustiça deste mundo é aquela do acaso de um nascimento de um homem, do acaso do lugar e da hora, a única justiça é a sua vestimenta. A roupa de um homem é, melhor do que ele mesmo, o que ele tem de mais sagrado: ele mesmo que não sofre; o ponto de equilíbrio onde a justiça compensa a injustiça, e não se deve maltratar esse ponto. É por isso que é preciso julgar um homem pela sua roupa, não

pela sua cara, nem pelos seus braços, nem pela sua pele. Se é normal cuspir sobre o nascimento de um homem, é perigoso cuspir sobre a sua rebelião.

**O CLIENTE**

- Bom, eu te ofereço a igualdade. Um casaco na poeira, eu pago com um casaco na poeira. Sejamos iguais, na igualdade do orgulho, na igualdade da impotência, igualmente desarmados, sofrendo igualmente do frio e do quente. A sua seminudez, a sua metade de humilhação, eu as pago com a metade das minhas. Resta-nos outra metade, é bastante suficiente para ousar ainda se olhar e para esquecer o que perdemos todos os dois por inadvertência, por risco, por esperança, por distração, por acaso. A mim, vai me restar ainda a inquietude persistente do devedor que já reembolsou.

**O DEALER**

- Por que, o que você pede, abstratamente, inalcançavelmente, a esta hora da noite, por que, isso que você teria pedido a um outro, por que não ter pedido a mim?

**O CLIENTE**

- Desconfie do cliente: ele tem o ar de procurar uma coisa enquanto quer uma outra, da qual o vendedor não desconfia, e que ele obterá finalmente.

**O DEALER**

- Se você fugisse, eu te seguiria; se você caísse com os meus golpes, eu ficaria perto de você para o seu despertar: e se você decidisse não acordar, eu ficaria ao seu lado, no seu sono, no seu inconsciente, além. No entanto, eu não desejo brigar com você.

**O CLIENTE**

- Eu não tenho medo de brigar, mas eu temo as regras que eu não conheço.

**O DEALER**

- Não há regra; só há meios; há apenas armas.

**O CLIENTE**

- Tente me alcançar, você não conseguirá; tente me ferir: quando o sangue corresse, bom, seria dos dois lados e, inevitavelmente, o sangue nos unirá, como dois índios, no canto do fogo, que trocam seu sangue no meio dos animais selvagens Não há amor, não há amor. Não, você não poderá alcançar nada que já não tenha sido alcançado, porque um homem morre primeiro, depois procura sua morte e a encontra finalmente, por acaso, sobre o trajeto casual de uma luz a uma outra luz, e ele diz: então, era só isso.

**O DEALER**

- Por favor, na gritaria da noite, você não disse nada que você desejasse de mim, e que eu não tivesse ouvido?

**O CLIENTE**

- Eu não disse nada; eu não disse nada. E você, você não me ofereceu nada, na noite, na escuridão tão profunda que ela pede tempo demais para que a gente se acostume, que eu não tenha adivinhado?

**O DEALER**

- Nada.

**O CLIENTE**

- Então, qual arma?